

Sobre as mais antigas ocupações da Casa dos Bicos, Lisboa: da *Olisipo* pré-romana aos primeiros contactos com o mundo itálico¹

*Museu Municipal
Vila Franca de Xira/
UNIARQ.

João Pimenta*
Elisa de Sousa**
Clementino Amaro***

**UNIARQ - Centro de
Arqueologia da Univer-
sidade de Lisboa.

***Arqueólogo.

*Mas o que se tem por verdade que Lisboa quer a fundasse Ulisses, quer
Hércules grego, quer outro capitão grego ou cartaginês (por que o certo não se sabe
certo) que ela é mais antiga que Roma*

Francisco d'Holanda, junho de 1571 (Holanda, 1984)

Resumo O presente trabalho pretende, passados mais de trinta anos, visitar a escavação do emblemático edifício da Casa dos Bicos em Lisboa, nomeadamente, as suas fases mais recuadas de ocupação, até ao momento praticamente desconhecidas. Esta reanálise dos dados permitiu aferir nova informação sobre este espaço permitindo vislumbrar e problematizar a primeira fase de ocupação do povoado pré-romano da colina do Castelo.

Abstract This paper proposes after more than thirty years to revisiting the excavation of the Casa dos Bicos building in Lisbon, in particular, it's most remote phases of occupation, until now virtually unknown. This reanalysis of the data allowed the assessment of new information allowing the discussion of the first phase of pre-Roman settlement occupation of the Castle Hill.

1. Considerações prévias

Passadas mais de três décadas da primeira intervenção arqueológica neste emblemático edifício da cidade de Lisboa, vir apresentar um estudo que tem como pretensão aduzir novos elementos sobre as primeiras ocupações da

cidade, carece inevitavelmente de uma explicação prévia.

Estas breves linhas decorrem de um convite do Dr. Clementino Amaro para literalmente (re) escavar o diversificado espólio proveniente da intervenção arqueológica por si efetuada na Casa dos Bicos, em 1981 e 1982. Para essa (re)

¹ Este trabalho foi elaborado no âmbito do Projeto FETE FENÍCIOS NO ESTUÁRIO DO TEJO - PTDC/EPH-ARQ/4901/2012.

escavação foi constituída uma equipa de diversos investigadores, que se desdobraram no seu tempo disponível por dois depósitos do Museu da Cidade de Lisboa e um armazém do então IPPAR, onde o espólio desta intervenção se encontrava repartido.

Apesar de todas as contingências de abordagem a um volume de informação desta natureza, a reanálise do espólio veio surpreendentemente trazer novos dados empíricos para a história do sítio.

2. Resumo dos trabalhos desenvolvidos

A intervenção arqueológica da Casa dos Bicos decorre da readaptação profunda do singular edifício de origem quinhentista, para acolher a XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, subordinada ao tema «Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento», realizada em 1983, com a temática “A Dinastia de Avis e a Europa” (Amaro, 2002).

A escavação esteve a cargo do Departamento de Arqueologia do Instituto Português do Património Cultural em colaboração com a Câmara de Lisboa, sob a direção do Dr. Clementino Amaro. Fazendo parte da história da arqueologia urbana da cidade, esta intervenção beneficiou desse carácter fundador que lhe está para sempre associado, sendo, porém, também por ele condicionada (Amaro, 1982a). Não é este o espaço para abordar as problemáticas da intrincada sequência ocupacional do sítio. Importa reter que estas evidenciam uma ampla e contínua diacronia desta antiga área portuária, estendendo-se desde época romana até ao presente (para uma compreensão do sítio ver Amaro, 1982a, 1982b, 1983, 2002; Duarte & Amaro, 1986; Sepúlveda & Amaro, 2007).

Visto que a nossa abordagem irá deter-se na análise das mais antigas ocupações subjacentes ao edifício da Casa dos Bicos, é relevante ter presente que é inevitável o impacto que o contínuo devir de construções neste espaço terá tido nos níveis pretéritos. Como é sabido, a escavação desta área revelou uma longa diacronia de ocupação com uma ampla e complexa sobreposição de construções desde os meados do século I d.C. até ao século XX (Amaro, 1982a).

Importa destacar que a primeira fase de ocupação conservada corresponde a diversos tan-



Fig. 1 – Localização da Casa dos Bicos na planta da cidade de Lisboa.

ques de uma unidade de exploração de preparados piscícolas de época alto-imperial.

Em 2010, no âmbito do projeto de estudo e valorização das Muralhas de Lisboa, o subsolo da Casa dos Bicos foi alvo de novas escavações arqueológicas conduzidas pela equipa do Museu da Cidade de Lisboa, dirigidas por Manuela Leitão e Victor Filipe. Contudo o quadro de indagações destas novas investigações incidiu sobre vestígios anteriormente identificados, associados ao monumental sistema defensivo da cidade, datado da Época Tardo-Romana e do Período Medieval, não tendo assim aduzido novos dados ou materiais associados às primeiras fases de ocupação da urbe².

3. Ocupação pré-romana

As primeiras referências à existência neste edifício de uma eventual ocupação da Idade do Ferro ou, pelo menos, à presença de materiais destas cronologias, remontam a 2002, aquando da realização da exposição “De Olisipo a Lisboa. A Casa dos Bicos.” No âmbito desta iniciativa foi exposto e publicado no catálogo um fragmento de prato de engobe vermelho com

² Agradecemos aos responsáveis da intervenção todas as informações prestadas.



Fig. 2 – Planta das estruturas romanas detetadas na escavação da Casa dos Bicos, a partir de Amaro, 1982a, modificado.

um grafito na superfície externa (Amaro, 2002, pp. 12, 43, Fig. 8, n.º 12).

Ao iniciarmos o presente estudo, estávamos longe de vislumbrar a riqueza de dados existentes sobre as fases mais recuadas da ocupação do povoado do morro do Castelo, que permaneciam inéditos há mais de trinta anos. De facto, muitos destes materiais que ora resgatamos do arquivo encontravam-se, desde os anos oitenta, por lavar e catalogar.

Apesar da abundância de materiais e do seu bom estado de conservação, os dados disponíveis sobre o seu contexto original e a sua proveniência exata são muito ténues.

Como acima referimos, as mais antigas estruturas registadas neste espaço correspondem ao Período Romano Alto-Imperial, não existindo quaisquer dados relativos a construções anteriores a esta fase.

Da análise dos cadernos de campo e das memórias dos intervenientes na escavação, verifica-se que o espólio de cronologia pré-romana seria proveniente de duas áreas distintas: de aterros, consistindo em depósitos secundários de sedimentos pré-existentes datados já de época pós-romana (para quem escava em meios urbanos e, em particular, na cidade de Lisboa, esta é uma situação bem característica); de níveis preservados (em concreto de uma área no canto norte da Casa dos Bicos, junto a um dos tanques e na qual se teriam identificado níveis de matriz argilosa anteriores às estruturas romanas).

Infelizmente, os registos disponíveis impossibilitam-nos uma análise mais fina que nos permita explorar eventuais associações contextuais.

Resta-nos assim a possibilidade de efetuar um estudo tipológico dos materiais associáveis a uma cronologia pré-romana.

3.1. Cerâmica manual

Na análise dos milhares de fragmentos de recipientes cerâmicos recolhidos, identificou-se a presença de algumas dezenas de cerâmicas manuais, cujas características morfológicas se relacionam com a tradição do Bronze Final da península de Lisboa (Cardoso, 2004; Cardoso & Silva, 2004). Contudo, a utilização destes tipos formais durante a primeira fase da Idade do Ferro é uma realidade bem documentada na área centro-atlântica (Arruda, 1999–2000; Pimenta, Silva & Calado, 2013).

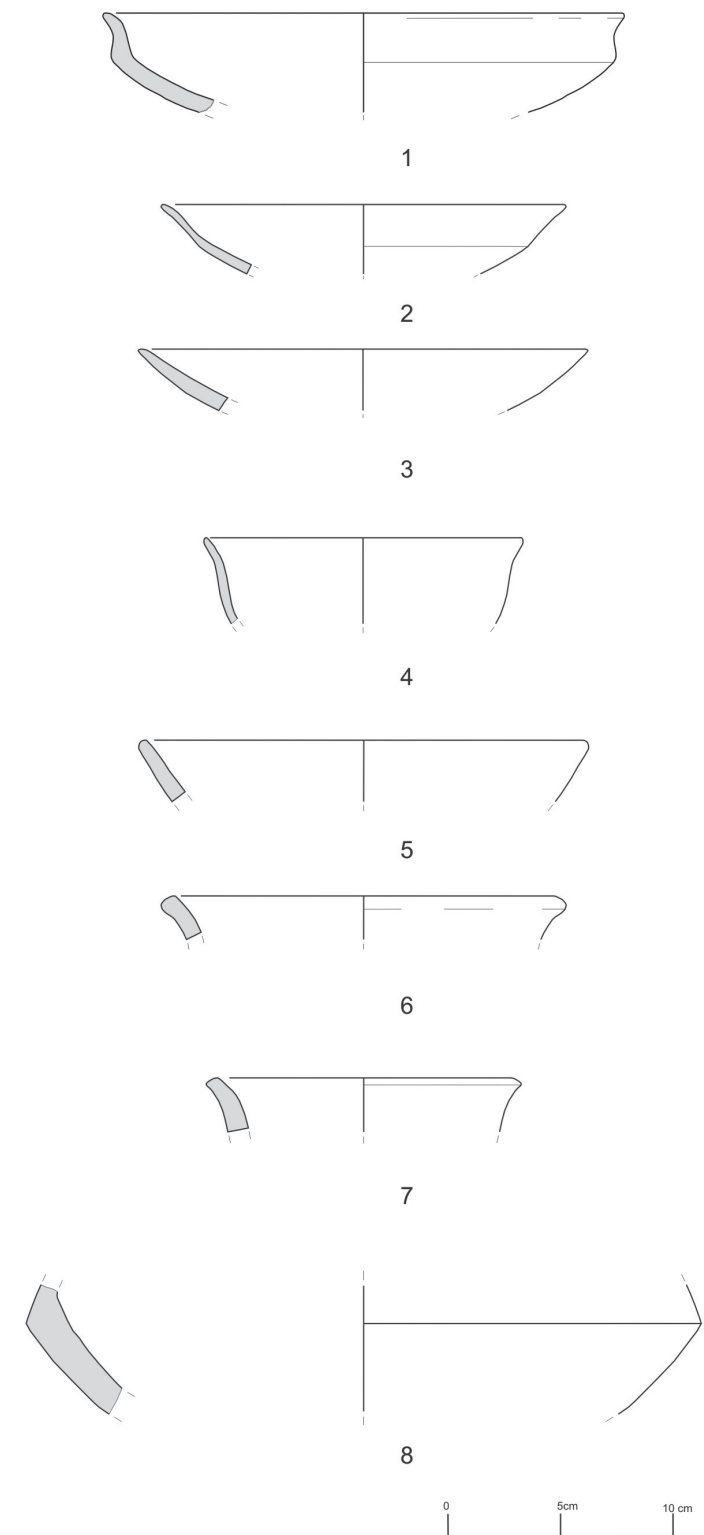
Entre estas cerâmicas, destaca-se um conjunto de materiais, correspondendo sobretudo a formas abertas, que apresenta um claro tratamento diferenciado ao nível das suas superfícies e um fabrico distinto, evidenciando pastas de textura fina e média com escassos elementos não plásticos, bem distribuídos. As superfícies encontram-se alisadas e polidas, e, em alguns casos, identificou-se a utilização prévia de uma aguada sobre a qual foi aplicada a decoração, recorrendo possivelmente a seixos (decoração brunida).

Em termos formais, e apesar do elevado estado de fragmentação do conjunto, foi possível individualizar dois grandes grupos. O primeiro engloba grandes recipientes fechados, e o segundo, maioritário, vasos abertos de menores dimensões, com uma presença significativa de taças carenadas, características da tradição artefactual do Bronze Final.

No primeiro grupo, contam-se alguns contentores de colo alto e ligeiramente estrangulado e lábio simples e evertido, cuja funcionalidade deverá relacionar-se primariamente com o armazenamento (Fig. 3, n.ºs 6–7). Estes apresentam bons paralelos em contextos do Bronze Final na área de Alpiarça (Marques, 1972; Kalb & Höck, 1985), nos quais, na tipologia proposta por Gustavo Marques (1972, forma IV), se identificam também formas similares, com carena bem acentuada no colo (Fig. 3, n.º 8). Estas formas encontram-se igualmente bem documentadas em várias outras estações do Bronze Final da penín-

sula de Lisboa (Pinto & Parreira, 1978; Cardoso, 1997–1998, 2003, 2004, 2010–2011; Cardoso & Silva, 2004; Silva, 2013; Arruda & Sousa, no prelo), na Beira Baixa (Vilaça, 1995) e no vale do Mondego (Senna-Martínez, 1993). Na zona mais interior do Estuário do Tejo, deve ainda referir-se a existência de paralelos no povoado de Santa Sofia, em Vila Franca de Xira, com uma cronologia de inícios da Idade do Ferro, apesar de o sítio mostrar ainda fortes tradições indígenas do Bronze Final (Pimenta & Mendes, 2010–2011). Ainda assim, esta morfologia, talvez pelo seu carácter elementar, é bem conhecida ao longo de toda a Idade do Ferro, tendo sido produzida quer em cerâmica manual, quer, numa fase um pouco mais avançada, a torno. Em relação às formas abertas, deve, em primeiro lugar, assinalar-se a existência de taças carenadas. Trata-se de um tipo amplamente difundido nos contextos do Bronze Final, não só da área centro-atlântica, mas em todo o território peninsular, exibindo uma elevada variedade em termos morfológicos, particularmente ao nível da amplitude do bordo, altura e características da carena, diversidade que pode ser observada, inclusivamente, no próprio conjunto recolhido na Casa dos Bicos (Fig. 3, n.ºs 1 e 2). Foi ainda possível reconhecer a existência de formas assimiláveis a tigelas (Fig. 3, n.ºs 3 e 5), que encontram bons paralelos em outros contextos regionais do Bronze Final (Praça da Figueira: Silva, 2013; Tapada da Ajuda: Cardoso & Silva, 2004; Gruta do Correio Mor - Cardoso, 2003; Santarém: Arruda & Sousa, no prelo). Por último, deve ainda referir-se a presença de uma taça de paredes mais verticais, com bons paralelos na Alcáçova de Santarém, onde foi documentada em níveis da Idade do Ferro (Arruda, 1999–2000).

Entre o conjunto de cerâmicas manuais recolhido na Casa dos Bicos, identificaram-se ainda três fragmentos com decorações brunidas. Um deles (Fig. 4, n.º 11; Fig. 7) pertence seguramente a um recipiente fechado, de dimensão considerável, apresentando uma decoração externa brunida na parte superior da peça, formando motivos geométricos. Esta decoração é característica da fase final da Idade do Bronze da zona centro-atlântica, sendo conhecida como “cerâmica de ornatos brunidos”, tipo Lapa do Fumo (Serrão, 1958; Cardoso, 1997–1998). Os outros dois exemplares, decorados com sulcos brunidos, parecem corresponder a



formas abertas (provavelmente, taças carenadas), sendo um deles decorado internamente (decoração «tipo Andaluz») com motivos formando losangos (Fig. 4, n.º 9; Fig. 5).

Fig. 3 – Prancha cerâmica manual.

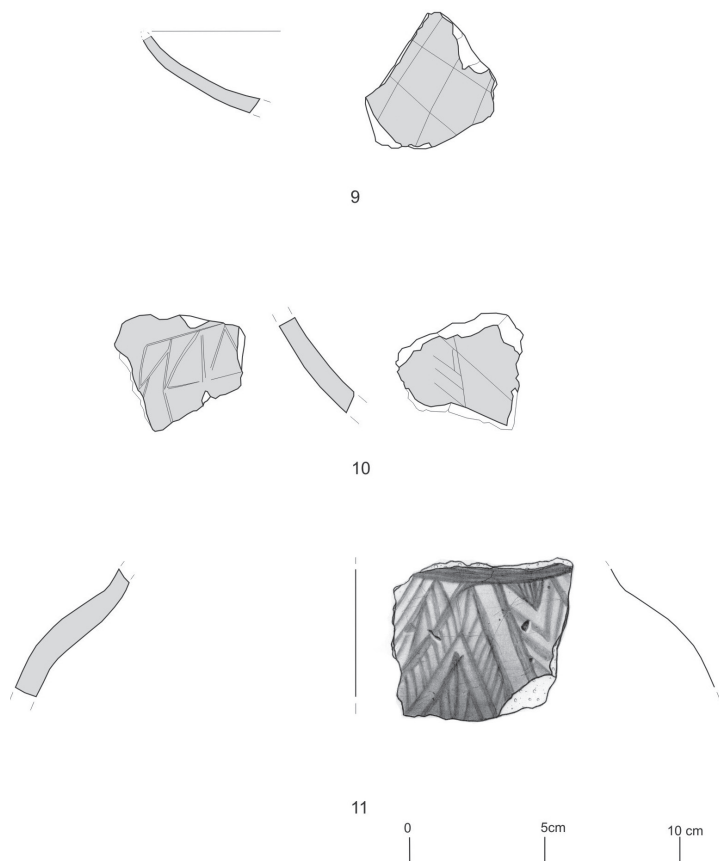


Fig. 4 – Prancha cerâmica manual.

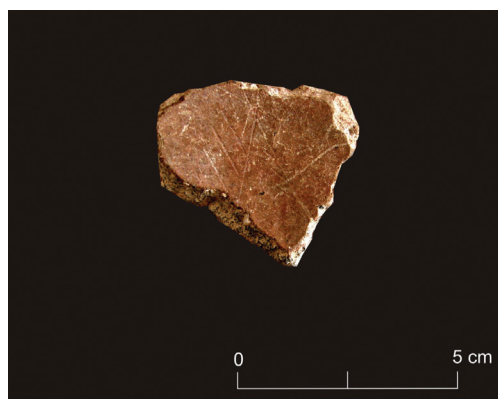
Fig. 5 – Fotografia fragmento de cerâmica manual com decoração brunida interna.

Fig. 6 – Fotografia fragmento de cerâmica manual com decoração brunida interna.

Fig. 7 – Fotografia fragmento de cerâmica manual com decoração de ornatos brunidos externa.

O outro (Fig. 4, n.º 10; Fig. 6) exhibe motivos geométricos em ambas as superfícies. Apesar de, na península de Lisboa, a decoração brunida externa ser maioritária, particularmente durante o Bronze Final, conhecem-se já alguns casos da aplicação desta decoração na face interna dos vasos e, mais raramente, em ambos os lados, concretamente em Santa-rém (Arruda & Sousa, no prelo) e na Quinta do Marcelo, em Almada (Barros, 1998; Cardoso, 2004). Com efeito, na península de Lisboa, a aplicação dos “ornatos brunidos” ocorre sobretudo na face externa dos recipientes, formando temáticas decorativas de natureza essencialmente geométrica.

Durante o Bronze Final, vasos com este tipo de decoração surgem com frequência nos sítios de altura, como está atestado no Castelo dos Mouros, Sintra (Cardoso, 1997–1998), Cabeço do Mouro, Cascais (Cardoso, 2006), Cabeço dos Moinhos, Mafra (Vicente & Andrade, 1971), Monte da Pena, Torres Vedras (Madeira & alii, 1972) e no Castelo da Amoreira, Odivelas (Boaventura, Pimenta & Valles, 2013). Segundo J. L. Cardoso,



(...) a afirmação de tais cerâmicas na Estremadura, as quais se prolongaram até à introdução na região das primeiras produções orientais, feitas ao torno rápido, nos séculos VIII–VII a.C., através do comércio fenício, acompanha o advento de povoados de altura, onde ocorrem preferencialmente. (Cardoso, 1997–1998, p. 159).

A sua presença em sítios de menores dimensões implantados em cotas baixas (casais agrícolas) é mais reduzida, estando, contudo, documentada, até ao momento, nos Moinhos da Ata-

laia (Pinto & Parreira, 1978), na Amadora, e na Praça da Figueira, em Lisboa (Silva, 2013). Discutir o significado da presença destas cerâmicas manuais na Casa dos Bicos é uma tarefa difícil, especialmente face à ausência de dados contextuais. Ainda que a esmagadora maioria das formas identificadas se relacionem, indubitavelmente, com o horizonte artefactual do Bronze Final da península de Lisboa, não podemos ignorar, como já foi anteriormente referido, o facto de estas morfologias transitarem para a Idade do Ferro. Tal realidade foi verificada não só ao longo do Estuário do Tejo, como se observa, por exemplo, no povoado de Santa Sofia, em Vila Franca de Xira (Pimenta & Mendes, 2010–2011), e em Santarém (Arruda, 1999–2000), mas na própria área urbana de Lisboa, como se verificou na Rua de São Mamede ao Caldas (Pimenta, Silva & Calado, 2014), onde, para além das formas aqui analisadas, se documentou ainda um fragmento com decoração brunida externa em associação a um nível de ocupação antigo da Idade do Ferro.

1 – C.B.82 – N. ° 128c. – Fragmento de bordo de taça carenada de cerâmica manual. Bordo voltado para exterior de lábio boleado. Superfícies alisadas e polidas internamente. Pasta homogénea com presença de elementos não plásticos de pequena e média dimensão de distribuição regular de quartzo, calcite, e de mica de pequena dimensão. Cozedura redutora com fase de arrefecimento em ambiente oxidante. Pasta de tom castanho-avermelhado (Munsell 10 R 3/2). A superfície apresenta uma aguada de tom castanho (Munsell 7.5 YR 5/4).

2 – C.B.82 – N. ° 99c. – Fragmento de bordo de taça de cerâmica manual. Bordo voltado para exterior de lábio boleado. Superfícies alisadas e polidas internamente. Pasta homogénea com presença de elementos não plásticos de pequena dimensão de distribuição regular de quartzo, calcite, e de mica. Cozedura redutora com fase de arrefecimento em ambiente oxidante. Pasta de tom castanho-acinzentado (Munsell 10 R 4/1). A superfície é do tom da pasta.

3 – C.B.82 – N. ° 104c. – Fragmento de bordo de tigela de cerâmica manual. Bordo de lábio boleado. Superfícies alisadas e polidas internamente. Pasta homogénea com presença de elementos não plásticos de pequena dimensão de distribuição regular de quartzo, calcite, e de mica. Cozedura redutora com fase de arrefecimento em ambiente oxidante. Pasta de tom castanho-acinzentado (Munsell 10 R 4/1). A superfície é de tom castanho-avermelhado (Munsell 7.5 YR 4/3).

4 – C.B.82 – N. ° 1710. – Fragmento de bordo de taça de cerâmica manual. Bordo de lábio simples. Superfícies alisadas e polidas. Pasta homogénea com presença de elementos não plásticos de pequena dimensão de distribuição regular de quartzo, calcite, mica e elementos de material orgânico. Cozedura redutora. Pasta de tom castanho-acinzentado (Munsell 7.5 YR 2.5/1). A superfície é do tom da pasta.

5 – C.B.82 – N. ° 102c. – Fragmento de bordo de tigela de cerâmica manual. Bordo voltado para o exterior de lábio arredondado. Pasta heterogénea com presença de elementos não plásticos de pequena, média e grande dimensão de distribuição regular de quartzo, calcite, elementos ferruginosos, e de mica de pequena dimensão. Cozedura redutora com fase de arrefecimento em ambiente oxidante. Pasta de cerne negro (Munsell GLEY1 3/N), de cor laranja nas superfícies (Munsell 2.5YR 6/4). A superfície, do tom da pasta, é alisada.

6 – C.B.82 – N. ° 103c. – Fragmento de bordo de pote de cerâmica manual. Bordo voltado para o exterior de lábio biselado. Pasta heterogénea com presença de elementos não plásticos de pequena, média e grande dimensão de distribuição regular de quartzo, calcite, elementos ferruginosos, e de mica de pequena dimensão. Cozedura redutora com fase de arrefecimento em ambiente oxidante. Pasta de cerne negro (Munsell GLEY1 3/N). A superfície, de tom castanho, é alisada (Munsell 7.5YR 6/3).

7 – C.B.82 – N. ° 105c. – Fragmento de bordo de pote de cerâmica manual. Bordo voltado para o exterior de lábio biselado. Pasta heterogénea com presença de elementos não plásticos de pequena, média e grande dimensão de distribuição regular de quartzo, calcite, elementos ferruginosos, e de mica de pequena dimensão. Cozedura redutora com fase de arrefecimento em ambiente oxidante. Pasta de cerne negro (Munsell GLEY1 3/N). A superfície, de tom castanho, é alisada (Munsell 7.5YR 6/3).

8 – C.B.82 – N. ° 104c. – Fragmento de bojo com carena bem evidenciada em cerâmica manual, possivelmente de um contentor de armazenamento. Superfícies alisadas e polidas.

Pasta homogénea com presença de elementos não plásticos de pequena e média dimensão de distribuição regular de quartzo, calcite e mica. Cozedura redutora. Pasta de tom castanho-acinzentado (Munsell 7.5 YR 4/3). A superfície é de tom castanho (Munsell 7.5YR 5/4).

9 – C.B.82 – N. ° 126c. – Fragmento de taça (?) de cerâmica manual. Superfícies alisadas e polidas com decoração interna em retícula brunida formando losângulos. Pasta homogénea com presença de elementos não plásticos de pequena dimensão de distribuição regular de quartzo, calcite e mica. Cozedura redutora com fase de arrefecimento em ambiente oxidante. Pasta de tom castanho-acinzentado (Munsell 7.5 YR 4/3). A superfície é de tom castanho (Munsell 7.5YR 6/3).

10 – C.B.82 – N. ° 117c. – Fragmento de taça de cerâmica manual. Superfícies alisadas e polidas com decoração interna e externa com sulcos brunidos formando motivos geométricos. Pasta homogénea com presença de elementos não plásticos de pequena e média dimensão de distribuição regular de quartzo, calcite e mica. Cozedura redutora com fase de arrefecimento em ambiente oxidante. Pasta de tom castanho-acinzentado (Munsell 7.5 YR 4/4). A superfície é de tom castanho (Munsell 7.5YR 5/3).

11 – C.B.82 – N. ° 1448. – Fragmento de pote de cerâmica manual. Superfícies alisadas, com decoração externa em ornatos brunidos, formando motivos geométricos. Pasta homogénea e compacta com presença de elementos não plásticos de pequena e média dimensão, de distribuição regular de quartzo, calcite, mica e elementos ferruginosos. Cozedura redutora com fase de arrefecimento em ambiente oxidante. Pasta de tom castanho-acinzentado (Munsell 7.5 YR 2.5/1). A superfície é de tom castanho (Munsell 5YR 5/4).

3.2. Cerâmicas de engobe vermelho

No conjunto cerâmico recuperado durante as intervenções realizadas na Casa dos Bicos foi também possível identificar vários fragmentos de cerâmica de engobe vermelho. A análise macroscópica das pastas e engobes permitiu definir dois grupos de fabrico.

O primeiro, grupo 1, caracteriza-se por apresentar uma pasta compacta e bem depurada, de tom castanho (Munsell 2,5 YR 5/6), escas-

os com elementos não plásticos, bem distribuídos e de dimensões reduzidas. Estes são constituídos sobretudo por quartzos, micas douradas e alguns vacúolos alongados. O engobe que cobre as superfícies é de boa qualidade, espesso e muito aderente, variando a sua tonalidade entre o vermelho (Munsell 10 R 5/6) e o castanho-avermelhado (Munsell 10 R 5/4), sendo o resto da peça alvo de uma aguada do tom da pasta ou simplesmente alisada.

O grupo 2 encontra-se documentado apenas por dois indivíduos (Fig. 9, n.ºs 21 e 25) que correspondem a duas taças, uma das quais carenada. Caracteriza-se por apresentar uma pasta dura, bem depurada e de matriz arenosa, de tom castanho-claro (Munsell 7,5 YR 6/4), com escassos elementos não plásticos bem distribuídos, de dimensões reduzidas. Estes são constituídos por elementos ferruginosos, elementos de cerâmica cozida e quartzos. O engobe que cobre as superfícies destes recipientes é de boa qualidade, espesso e muito aderente, de tonalidade vermelha (Munsell 10 R 5/6), sendo o resto da peça alvo de uma aguada de tom rosa (Munsell 7.5 YR 7/3). Estas características permitem-nos sugerir uma eventual origem mais meridional para estas peças, possivelmente da zona andaluz.

Em termos formais foi possível identificar três morfologias diferenciadas.

A primeira, e a mais frequente, corresponde a pratos de bordo aplanado, cuja largura varia entre os 2,8 e os 4,3 cm, e que se integram, quase exclusivamente, nos tipos P1 e P2 estabelecidos por Rufete Tomico (1988–1989) (Fig. 8, n.ºs 12–18; Fig. 11). Apesar de a cronologia destas formas se iniciar em finais do século VIII / século VII a.C., estes pratos têm um longo período de utilização, podendo perdurar, com facilidade, até meados do I milénio a.C. Um destes exemplares exibe um símbolo na sua superfície externa, podendo eventualmente tratar-se de uma marca de propriedade ou de alguma variante esquemática de um caráter meridional (Fig. 8, n.º 12). Ainda que esta interpretação de momento não passe de uma hipótese é relevante reter que grafitos e marcas sobre pratos de engobe vermelho são uma realidade em sítios onde a presença fenícia se encontra bem documentada (Zamora, 2013). Em termos morfológicos, deve destacar-se a presença de um exemplar com uma canelura bem marcada na extremidade do bordo (Fig. 8, n.º 19), que

encontra bons paralelos em conjuntos meridionais como, por exemplo, em Huelva (Rufete Tomico, 1988–1989) e em Castro Marim, onde foi individualizado sob a designação II.B3, com uma cronologia balizada entre o século VII e o século V a.C. (Freitas, 2005). Neste grupo de cerâmicas deve, por último, assinalar-se a existência de um bordo de prato (Fig. 8, n.º 20) com decoração pintada a preto sobre o engobe vermelho, situação, aliás, já verificada na Sé de Lisboa (Arruda, 1999–2000).

Uma segunda forma identificada no conjunto da cerâmica de engobe vermelho corresponde a tigelas de perfil hemisférico integráveis no tipo C4 de Rufete Tomico (1988–1989), que aparece nos repertórios artefactuais a partir de meados do século VII a.C. O único exemplar da Casa dos Bicos integrável neste tipo (Fig. 9, n.º 21) apresenta um bordo engrossado internamente, uma característica frequente neste tipo. Seguem-se, por último, as taças de perfil carenado (Fig. 9, n.ºs 22–24), que são facilmente equiparáveis ao tipo C3 de Rufete Tomico (1988–1989), concretamente à variante C3a (Fig. 9, n.º 25), C3c (Fig. 9, n.ºs 22–24) e C3d (Fig. 9, n.º 23).

Deve ainda referir-se a existência de dois fragmentos com engobe vermelho na superfície interna que parecem corresponder a partes inferiores de recipientes abertos. Um deles (Fig. 10, n.º 26) assemelha-se, morfologicamente, a uma forma típica da foz do Estuário do Tejo, concretamente a uma pátera de pé alto, com uma acentuada depressão central interna, identificada em Almaraz (Barros, Cardoso & Sabrosa, 1993) e em Lisboa (Rua dos Correeiros (tipo 4Aa): Sousa, 2014; teatro romano: Calado & *alii*, 2013). A cronologia desta forma parece ser relativamente tardia no quadro da Idade do Ferro, centrando-se, com grande probabilidade, em meados do I milénio (Sousa, 2014). O outro exemplar (Fig. 10, n.º 27) é de mais difícil classificação. Trata-se, seguramente, de um fundo interno de um recipiente que poderá corresponder às páteras anteriormente descritas, mas não podendo, contudo, excluir-se a possibilidade de corresponder ao fundo superior de um queimador.

Um dos problemas com o qual nos defrontamos na análise da cerâmica de engobe vermelho da Casa dos Bicos prende-se diretamente com o facto de esta categoria ter sido produzida também na área do Estuário do Tejo. Não é possível,

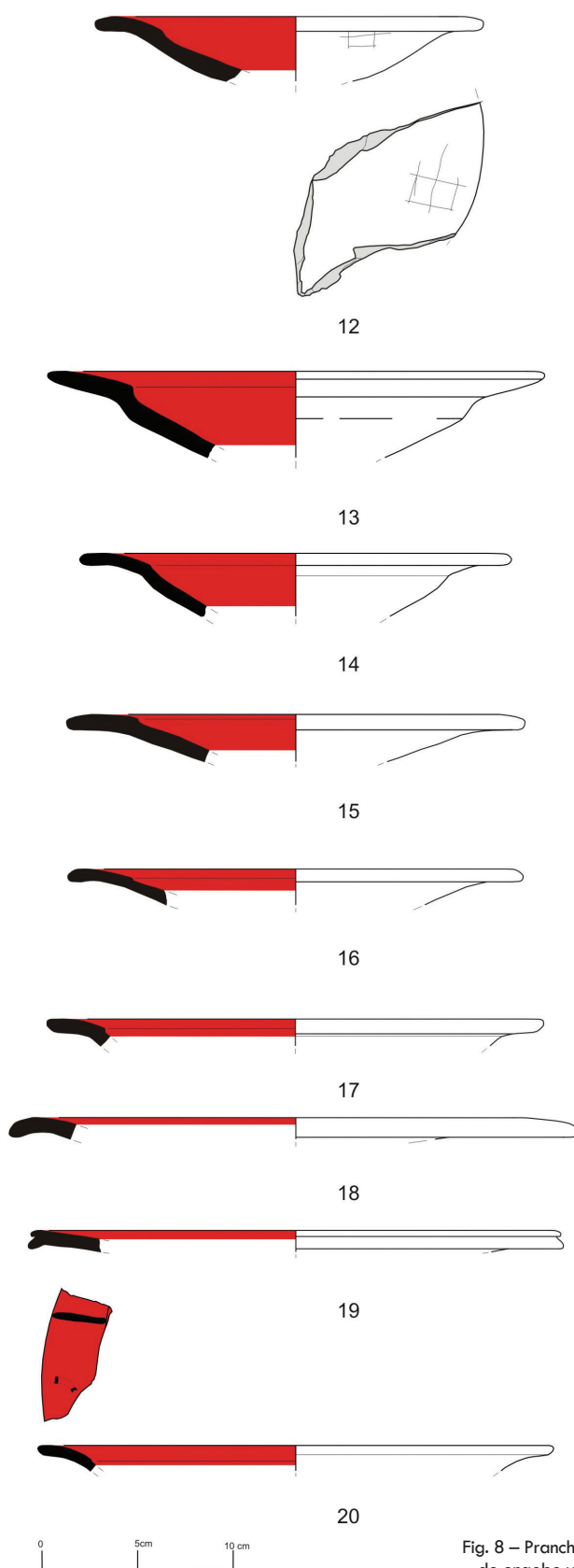
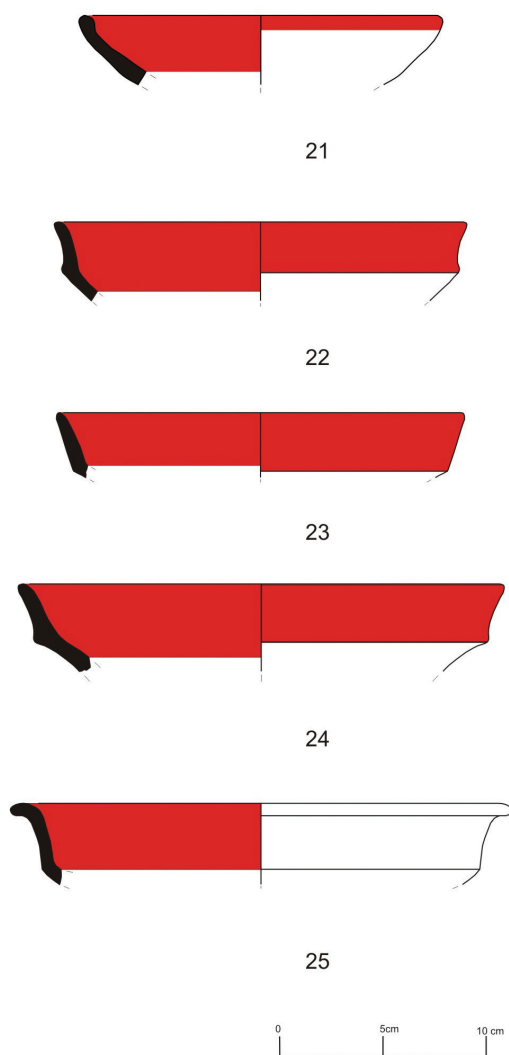


Fig. 8 – Prancha pratos de engobe vermelho.

Fig. 9 – Prancha
cerâmica de engobe
vermelho.



de momento, determinar com precisão o início desta produção, ainda que este se situe, seguramente, na primeira metade do I milénio a.C. Este factor obriga-nos a ter alguma cautela na extrapolação de balizas cronológicas propostas com base em materiais e estratigrafias mais meridionais, que podem não coincidir exactamente com as produções do Estuário do Tejo, apesar de serem facilmente identificáveis paralelismos formais entre ambas as áreas geográficas. Tal situação torna-se particularmente evidente a partir de meados do I milénio a.C., momento a partir do qual é possível observar uma clara diferenciação em termos morfológicos na produção de cerâmica de engobe vermelho na foz do Tejo (Sousa, 2014) com o aparecimento, por exemplo, das páteras carenadas de pé alto.

12 – C.B.82 – N. ° 111c. – Bordo e bojo de

prato de engobe vermelho da forma P1 de Rufete Tomico. Bordo aplanado e virado para o interior de lábio biselado. Mede 3,2 cm e circunscreve um diâmetro externo de 20,8 cm. O bordo encontra-se diferenciado do bojo por uma carena. Apresenta um grafito na sua superfície externa efetuado após cozedura. Pasta Grupo 1. Tom castanho (Munsell 2,5 YR 5/4). O engobe é espesso e aderente de tom castanho-avermelhado (Munsell 10 R 4/4).

13 – C.B.82 – N. ° 119c. – Bordo e bojo de prato de engobe vermelho da forma P2 de Rufete Tomico. Bordo aplanado e virado para o interior de lábio biselado. Mede 4,3 cm e circunscreve um diâmetro externo de 26 cm. O bordo encontra-se bem diferenciado do bojo por uma carena. Pasta Grupo 1. Tom castanho (Munsell 2,5 YR 5/4). O engobe é espesso e aderente de tom castanho-avermelhado (Munsell 10 R 4/4).

14 – C.B.82 – N. ° 112c. – Bordo e bojo de prato de engobe vermelho da forma P1 de Rufete Tomico. Bordo aplanado e virado para o interior de lábio arredondado. Mede 3,5 cm e circunscreve um diâmetro externo de 22,6 cm. O bordo encontra-se bem evidenciado do bojo por uma carena. Pasta Grupo 1. Tom castanho (Munsell 2,5 YR 5/4). O engobe é espesso e aderente de tom castanho-avermelhado (Munsell 10 R 4/6).

15 – C.B.82 – N. ° 81c. – Bordo e bojo de prato de engobe vermelho da forma P2 de Rufete Tomico. Bordo aplanado e virado para o interior de lábio arredondado. Mede 3,8 cm e circunscreve um diâmetro externo de 24 cm. Pasta Grupo 1. Tom castanho (Munsell 2,5 YR 5/4). O engobe é espesso e aderente de tom castanho-avermelhado (Munsell 10 R 4/6).

16 – C.B.82 – N. ° 122c. – Bordo de prato de engobe vermelho da forma P1 de Rufete Tomico. Bordo aplanado e virado para o interior de lábio arredondado. Mede 3,4 cm e circunscreve um diâmetro externo de 24 cm. Pasta Grupo 1. Tom castanho (Munsell 2,5 YR 5/4). O engobe é espesso e aderente de tom castanho-avermelhado (Munsell 10 R 5/6).

17 – C.B.82 – N. ° 106c. – Bordo de prato de engobe vermelho da forma P1 de Rufete Tomico. Bordo aplanado e virado para o interior de lábio arredondado. Mede 3,3 cm e circunscreve um diâmetro externo de 26 cm. Pasta Grupo 1. Tom castanho (Munsell 2,5 YR 5/4). O engobe é espesso e aderente de tom castanho-

-avermelhado (Munsell 10 R 4/6).

18 – C.B.82 – N. ° 106c. – Bordo de prato de engobe vermelho da forma P2(?) de Rufete Tomico. Bordo aplanado e virado para o interior de lábio arredondado. Circunscreve um diâmetro externo de 30 cm. Pasta Grupo 1. Tom castanho (Munsell 2,5 YR 5/4). O engobe é espesso e aderente de tom castanho-avermelhado (Munsell 10 R 4/6).

19 – C.B.82 – N. ° 125c. – Bordo de prato de engobe vermelho do Grupo II.B3 de Castro Marim. Bordo aplanado e virado para o interior de lábio biselado. Circunscreve um diâmetro externo de 28 cm. Pasta Grupo 1. Tom castanho (Munsell 2,5 YR 5/4). O engobe é espesso e aderente de tom castanho-avermelhado (Munsell 7.5 YR 5/3).

20 – C.B.82 – N. ° 113. – Bordo de prato de engobe vermelho da forma P1 de Rufete Tomico. Bordo aplanado e virado para o interior de lábio arredondado. Mede 2,8 cm e circunscreve um diâmetro externo de 27 cm. Pasta Grupo 1. Tom castanho (Munsell 2,5 YR 5/4). O engobe é espesso e aderente de tom vermelho (Munsell 10 R 5/6). Apresenta pintura a negro sobre o engobe.

21 – C.B.82 – N. ° 108c. – Bordo de tigela de engobe vermelho da forma C4 de Rufete Tomico. Bordo engrossado internamente de lábio arredondado. Circunscreve um diâmetro externo de 17,5 cm. Pasta Grupo 2. Tom castanho-claro (Munsell 7,5 YR 5/4). O engobe é espesso e aderente de tom vermelho (Munsell 10 R 5/6).

22 – C.B.82 – N. ° 1410. – Bordo de taça carenada de engobe vermelho da forma C3 de Rufete Tomico. Bordo virado para o exterior de lábio simples. Circunscreve um diâmetro externo de 20 cm. Pasta Grupo 1. Tom castanho (Munsell 2,5 YR 5/4). O engobe é espesso e aderente de tom vermelho (Munsell 10 R 4/8).

23 – C.B.82 – N. ° 124c. – Bordo de taça carenada de engobe vermelho da forma C3 de Rufete Tomico. Bordo aplanado e virado para o exterior de lábio simples. Circunscreve um diâmetro externo de 19,6 cm. Pasta Grupo 1. Tom castanho (Munsell 2,5 YR 5/4). O engobe é espesso e aderente de tom vermelho (Munsell 10 R 4/8).

24 – C.B.82 – N. ° 110c. – Bordo de taça carenada de engobe vermelho da forma C3 de Rufete Tomico. Bordo aplanado e virado para o exterior de lábio simples. Circunscreve um diâmetro externo de 23,5 cm. Pasta Grupo 1. Tom cas-

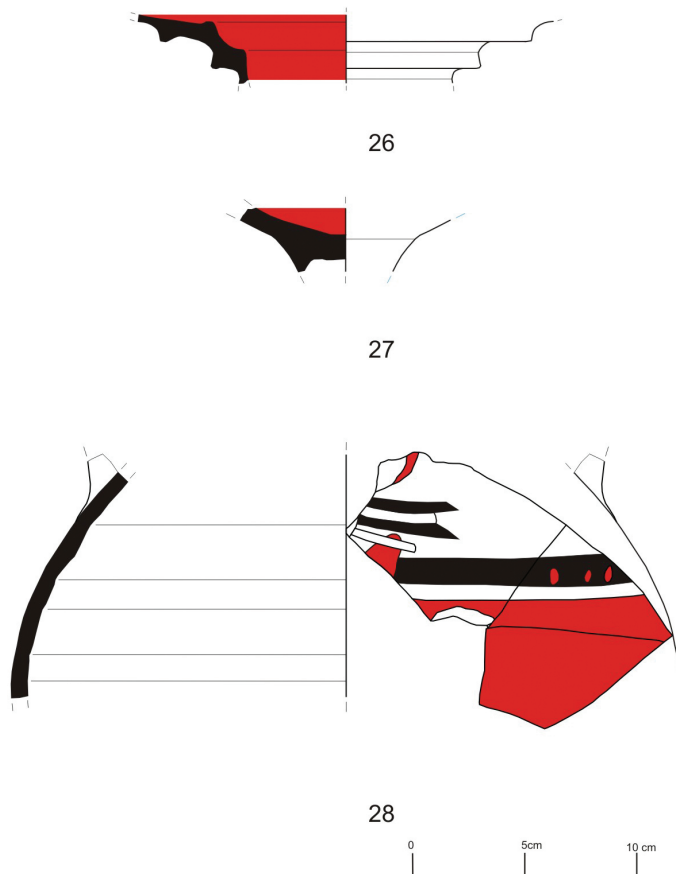


Fig. 10 – Prancha cerâmica de engobe vermelho, n.ºs 26 e 27. E cerâmica pintada em bandas, n.º 28, possivelmente uma urna de tipo Cruz del Negro.

Fig. 11 – Fotografia pratos de engobe vermelho.

tanho (Munsell 2,5 YR 5/4). O engobe é espesso e aderente de tom vermelho (Munsell 10 R 4/8). **25 – C.B.82 – N. ° 116c.** – Bordo de taça carenada de engobe vermelho da forma C3 de Rufete Tomico. Bordo aplanado e virado para o exterior de lábio pendente. Circunscreve um diâmetro externo de 24 cm. Pasta Grupo 2.

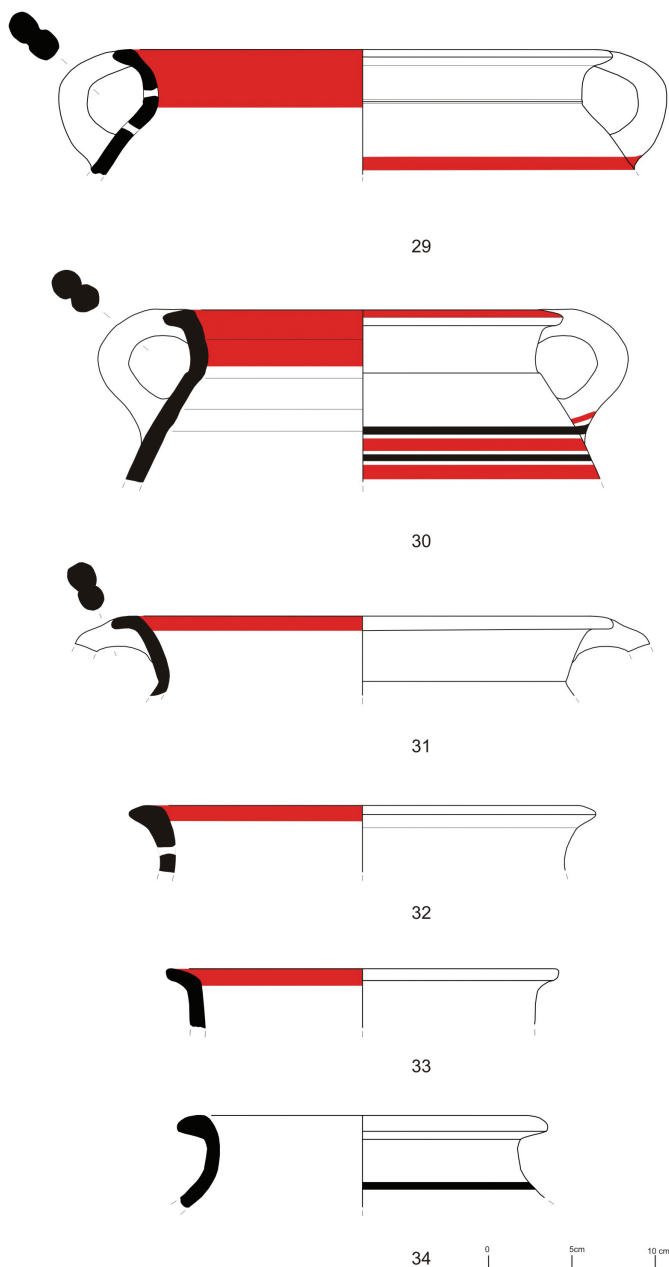


Fig. 12 – Prancha cerâmica pintada em bandas.

Tom castanho-claro (Munsell 7,5 YR 5/4). O engobe é espesso e aderente de tom vermelho (Munsell 10 R 5/6).

26 – C.B.82 – N. ° 340c. – Fragmento de pátera de engobe vermelho. Preserva-se um fragmento de bojo com caneluras bem marcadas no exterior. Apresenta um diâmetro externo máximo de 19 cm. Pasta Grupo 1. Tom castanho-claro (Munsell 2,5 YR 5/4). O engobe é espesso e aderente de tom vermelho (Munsell 2.5 YR 5/6).

27 – C.B.82 – N. ° 341c. – Fragmento de pátera ou queimador de engobe vermelho.

Pasta Grupo 1. Tom castanho-claro (Munsell 2,5 YR 5/4). O engobe é espesso e aderente, de tom vermelho (Munsell 2.5 YR 5/6).

3.3. Cerâmica pintada em bandas

O conjunto de cerâmica pintada em bandas recolhido na Casa dos Bicos é consideravelmente abundante. As características das suas pastas permitem integrá-las nas produções da área do Estuário do Tejo.

A maioria dos fragmentos recuperados pertence a *pithoi*, vários dos quais (Fig. 12, n.º 29 a 31) conservam ainda as asas, de secção bifida, que arrancam do bordo, estando o colo separado da parede dos recipientes por uma canelura bem marcada. Estas características permitem propor uma cronologia centrada, sobretudo, no século VII a.C. (Torres Ortiz, 2002, p. 150). Os restantes exemplares (Fig. 12, n.º 32 e 33) parecem ser já mais tardios, correspondendo a variantes evolucionadas desta forma, que podem integrar-se em cronologias já do século VI e mesmo do século V a.C. Um outro fragmento (Fig. 12, n.º 34), decorado com uma banda negra na parte inferior do colo, parece entrar já na categoria de pote, podendo, contudo, corresponder a uma evolução dos protótipos anteriormente referidos, que se integra nos repertórios artefactuais da área centro-atlântica a partir, sobretudo, do século VI a.C. Dentro deste conjunto de cerâmicas pintadas em bandas, deve ainda referir-se a identificação da parte superior de um recipiente de corpo globular (Fig. 10, n.º 28) que pode, com grande probabilidade, pertencer a uma urna de tipo *Cruz del Negro*. A peça exhibe algumas características interessantes, concretamente a aplicação de bandas vermelhas e negras na parte externa, acima das quais se identificam uma série de outras linhas pintadas não sendo, contudo, possível compreender o motivo que desenham. Deve, contudo, assinalar-se que peças com características decorativas semelhantes foram já documentadas em Lisboa, concretamente na área da Sé (Arruda, 1999–2000, p. 118, fig. 69,4).

28 – C.B.82 – N. ° 82c. – Fragmento de bojo com arranque de asa de urna de tipo *Cruz del Negro*. Preserva-se parte de bojo e o arranque de uma asa bifida. Apresenta-se decorada com bandas vermelhas brancas e negras.

Pasta homogénea dura e compacta de tom castanho-avermelhada (Munsell 10 R 6/4), com um cerne acinzentado (Munsell GLEY 2 6/10B). Apresenta escassos elementos não plásticos de pequena dimensão, constituídos por quartzos rolados, micas douradas, grãos carbonatados e alguns vacúolos. A superfície apresenta uma aguada de tom bege (Munsell 7.5 YR 7/3).

29 – C.B.82 – N. ° 93c. – Fragmento de bordo com arranque de asa de *pithos*. Lábio aplanado de extremo biselado de onde arranca uma asa bifida. Diâmetro externo de 30 cm. O colo é curto e bem diferenciado do bojo por uma canelura. Entre a zona do colo e do bojo evidencia duas perfurações que parecem corresponder a gatos para reparação da peça. Apresenta decoração na zona interna do bordo e abaixo da asa com pintura em banda vermelha. Pasta compacta e bem depurada, de tom castanho (Munsell 2,5 YR 5/6), apresentando abundantes elementos não plásticos bem distribuídos, de dimensões reduzidas. Estes são constituídos por quartzos, micas douradas e alguns vacúolos alongados. A superfície é alisada, do tom da pasta.

30 – C.B.82 – N. ° 82/3. – Fragmento de bordo com arranque de asa de *pithos*. Lábio aplanado de extremo biselado de onde arranca uma asa bifida. Diâmetro externo de 24 cm. O colo é curto e bem diferenciado do bojo por uma canelura. Apresenta decoração na zona interna do bordo e abaixo da asa com pintura em bandas vermelhas e negras. Pasta compacta e bem depurada, de tom castanho (Munsell 2,5 YR 5/6), apresentando abundantes elementos não plásticos bem distribuídos, de dimensões reduzidas. Estes são constituídos por quartzos, micas douradas e alguns vacúolos alongados. A superfície evidencia uma aguada de tom bege (Munsell 7.5 YR 6/2).

31 – C.B.82 – N. ° 115c. – Fragmento de bordo com arranque de asa de *pithos*. Lábio aplanado de extremo biselado, de onde arranca uma asa bifida. Diâmetro externo de 30 cm. O colo é curto e bem diferenciado do bojo por uma canelura. Apresenta decoração na zona interna do bordo em banda vermelha. Pasta homogénea dura e compacta de tom castanho-avermelhado (Munsell 10 R 6/4), com um cerne acinzentado (Munsell GLEY 2 6/10B). Apresenta escassos elementos não plásticos de pequena dimensão, constituídos por quartzos

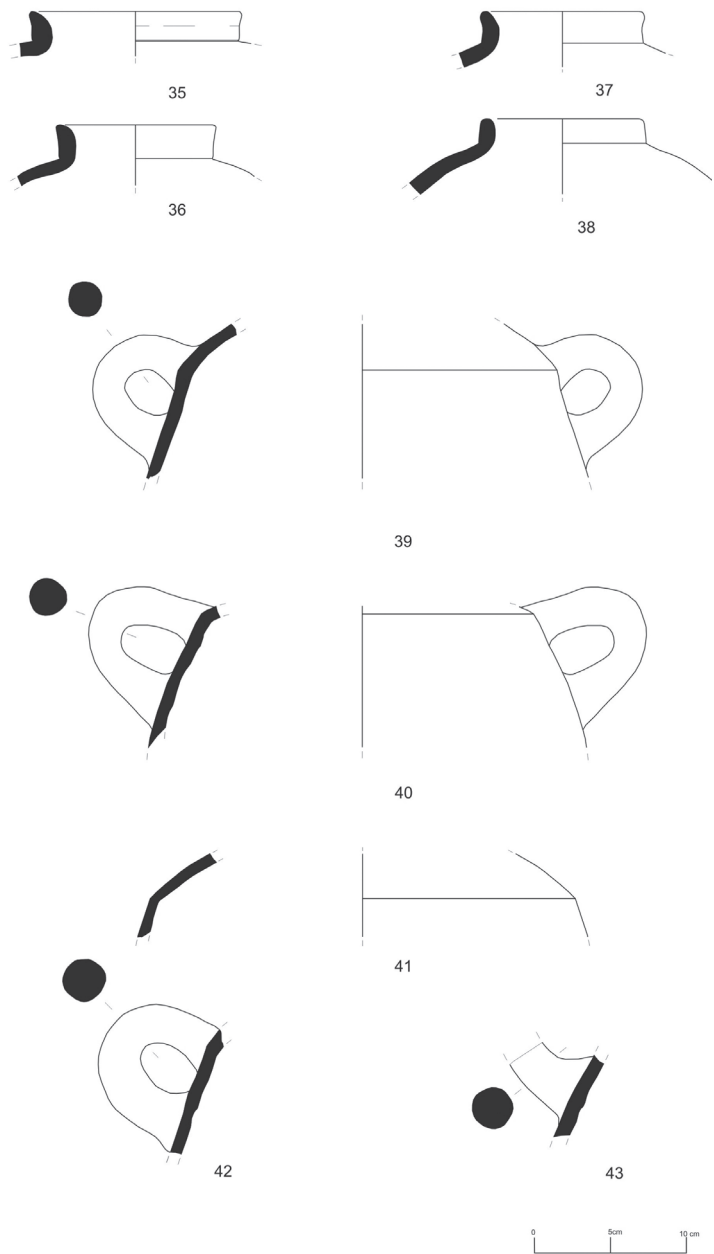


Fig. 13 – Prancha Ânforas de produção da área de Málaga.

rolados, micas douradas, grãos carbonatados e alguns vacúolos. A superfície apresenta uma aguada de tom bege (Munsell 7.5 YR 7/3).

32 – C.B.82 – N. ° 101c. – Fragmento de bordo de *pithos*. Lábio aplanado de extremo biselado. Diâmetro externo de 27 cm. O colo é curto e bem diferenciado do bojo por uma canelura. Apresenta decoração na zona interna do bordo em banda vermelha. Na zona do colo evidencia uma perfuração que parece corresponder a gatos para reparação da peça. Pasta homogénea dura e compacta de tom castanho-avermel-

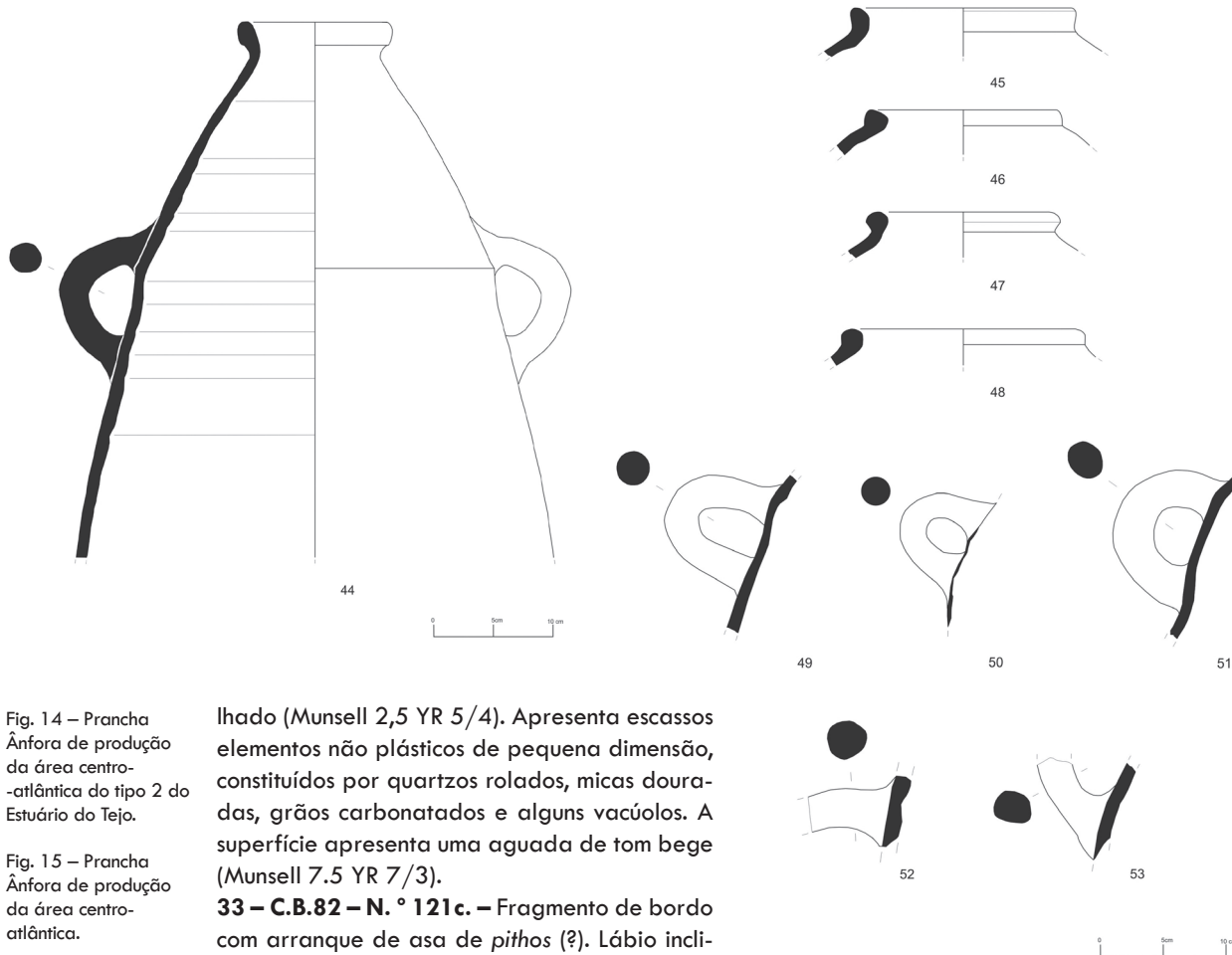


Fig. 14 – Prancha
Ânfora de produção
da área centro-
atlântica do tipo 2 do
Estuário do Tejo.

Fig. 15 – Prancha
Ânfora de produção
da área centro-
atlântica.

lhado (Munsell 2,5 YR 5/4). Apresenta escassos elementos não plásticos de pequena dimensão, constituídos por quartzos rolados, micas douradas, grãos carbonatados e alguns vacúolos. A superfície apresenta uma aguada de tom bege (Munsell 7.5 YR 7/3).

33 – C.B.82 – N.º 121c. – Fragmento de bordo com arranque de asa de *pithos* (?). Lábio inclinado para o interior de extremo arredondado. Diâmetro externo de 24 cm. Apresenta decoração na zona interna do bordo com pintura em banda vermelha. Pasta compacta e bem depurada, de tom castanho (Munsell 2,5 YR 5/6), apresentando abundantes elementos não plásticos bem distribuídos, de dimensões reduzidas. Estes são constituídos por quartzos, micas douradas e alguns vacúolos alongados. A superfície evidencia uma aguada de tom bege (Munsell 7.5 YR 7/3).

34 – C.B.82 – N.º 123c. – Fragmento de bordo com arranque de bojo de pote. Lábio amendoado. Diâmetro externo de 22 cm. Apresenta decoração na zona externa com pintura em banda negra. Pasta compacta e bem depurada, de tom castanho (Munsell 2,5 YR 5/6), apresentando abundantes elementos não plásticos bem distribuídos, de dimensões reduzidas. Estes são constituídos por quartzos, micas douradas e alguns vacúolos alongados. A superfície evidencia uma aguada de tom bege (Munsell 7.5 YR 7/3).

3.4. Ânforas pré-romanas

No conjunto cerâmico da Idade do Ferro da Casa dos Bicos, destacam-se ainda as ânforas, pela sua expressividade quantitativa e também pela presença de quatro exemplares de bocais, cinco asas e respetivas carenas (Fig. 13), que, dadas as características dos seus fabricos, podem integrar as produções malaguenhas, atestando, assim, a importação de produtos alimentares do sul peninsular durante as fases mais antigas da Idade do Ferro. Correspondem ao tipo 10.1.1.1 (Fig. 13, n.º 35–37) e 10.1.2.1 (Fig. 13, n.º 38) de Ramon Torres, integrando-se, cronologicamente, em plena fase orientalizante, concretamente entre os meados do século VIII e os meados do século VI a.C.

Os restantes exemplares (Figs. 14 e 15) exibem características ao nível do fabrico que se relacionam já com as produções da área centro-atlântica, recentemente sistematizadas (Sousa & Pimenta, 2014). Um destes fragmentos (Fig. 15,

n.º 45) integra-se no tipo 1 do Estuário do Tejo, que segue tendencialmente os protótipos meridionais do tipo 10.1.2.1 distinguindo-se, contudo, por uma maior amplitude ao nível do bordo, característica, aliás, típica destas produções centro-atlânticas (Sousa, 2014; Sousa & Pimenta, 2014). Um outro exemplar (Fig. 15, n.º 46), de bordo evertido e colo curto, corresponde ao tipo 3 do Estuário do Tejo, cuja cronologia provavelmente se inicia na segunda metade do século VI, perdurando seguramente ao largo da centúria seguinte, não sendo ainda possível precisar o final da sua produção (Sousa & Pimenta, 2014). Outros dois fragmentos (Fig. 15, n.ºs 47–48), com bordos curtos e engrossados, integram o tipo 6, cuja produção se estende ao longo de toda a segunda metade do I milénio a.C., concretamente entre o século V e o século II a.C. (Sousa & Pimenta, 2014).

Deve ainda destacar-se um outro exemplar, que se diferencia dos restantes pelo seu excelente estado de conservação (Fig. 14, n.º 44). Trata-se da parte superior de uma ânfora, com um colo pouco desenvolvido e bordo evertido, apresentando ainda, na zona inferior, uma carena pouco assinalada, da qual arrancam as asas de secção circular. Integra o tipo 2 do Estuário do Tejo, cuja cronologia apresenta parâmetros idênticos à forma anteriormente descrita (Sousa & Pimenta, 2014). Apesar de se conhecerem já vários exemplares desta forma (Almaraz (Almada): Barros & Soares, 2004, fig. 3, n.º 2; Rua dos Correiros (Lisboa): Sousa, 2014, variante 1Aa; Castelo de São Jorge (Lisboa): Pimenta, 2005; Sousa & Pimenta, 2014; Santa Eufémia (Sintra): Sousa, 2014), o excelente estado de conservação do exemplar recolhido na Casa dos Bicos permitiu uma melhor compreensão das características morfológicas desta forma, concretamente o seu perfil superior troncocónico e a presença de uma carena pouco assinalada na parte superior da peça, acima da qual arrancam as asas de secção circular. Por último, deve ainda referir-se a recolha de vários fragmentos de asa, de secção circular (Fig. 15, n.ºs 49–53).

35 – C.B.82 – N.º 1582 – Fragmento de bordo, com arranque de bojo de ânfora do Tipo 10.1.1.1. Lábio vertical de secção amendoada encontrando-se destacado do corpo por uma canelura. Diâmetro externo de 13,8 cm. Pasta homogénea dura e compacta de tom castanho-avermelhado (Munsell 10 R 6/4),

com um cerne acinzentado (Munsell GLEY 2 6/10B). Apresenta abundantes elementos não plásticos de pequena dimensão, constituídos por elementos negros, (possivelmente xistos), quartzos rolados, micas douradas, grãos carbonatados e alguns vacúolos. A superfície apresenta uma aguada de tom bege (Munsell 7.5 YR 7/3).

36 – C.B.82 – N.º 75c. – Fragmento de bordo, com início de bojo de ânfora do Tipo 10.1.1.1. Lábio vertical de secção amendoada encontrando-se destacado do corpo por uma canelura. Diâmetro externo de 10 cm. Pasta homogénea dura e compacta de tom castanho-avermelhado (Munsell 10 R 6/4), com um cerne acinzentado (Munsell GLEY 2 6/10B). Apresenta abundantes elementos não plásticos de pequena dimensão, constituídos por elementos negros (possivelmente xistos), quartzos rolados, micas douradas, grãos carbonatados e alguns vacúolos. A superfície apresenta uma aguada de tom bege (Munsell 7.5 YR 7/3).

37 – C.B.82 – N.º 76c. – Fragmento de bordo, com início de bojo de ânfora do Tipo 10.1.1.1. Lábio vertical de secção amendoada encontrando-se destacado do corpo por uma canelura. Diâmetro externo de 11 cm. Pasta homogénea dura e compacta de tom castanho-acinzentado (Munsell GLEY 2 6/10B). Apresenta abundantes elementos não plásticos de pequena dimensão, constituídos por elementos negros (possivelmente xistos), quartzos rolados, micas douradas, grãos carbonatados e vacúolos alongados. A superfície apresenta uma aguada de tom bege (Munsell 5 YR 6/6).

38 – C.B.82 – N.º 78c. – Fragmento de bordo, com início de bojo de ânfora do Tipo 10.1.2.1. Lábio vertical ligeiramente inclinado para o interior, encontra-se destacado do corpo por uma canelura. Diâmetro externo de 12 cm. Pasta muito homogénea e compacta de tom castanho-avermelhado (Munsell 2.5 YR 6/8). Apresenta escassos elementos não plásticos, constituídos por quartzos, elementos de cerâmica moída, elementos ferruginosos, grãos carbonatados, algumas moscovites e raras calcites. A superfície apresenta uma aguada de tom bege (Munsell 7.5 YR 7/4).

39 – C.B.82 – N.º 94c – Fragmento de bojo com asa de ânfora. A asa de secção circular arranca de carena bem evidenciada. Pasta compacta. A cor é um cinzento-avermelhado (Munsell 2.5 YR 5/1). Apresenta escassos elementos não plás-

tos de pequena dimensão, constituídos por quartzos, micas douradas e vacúolos alongados. A superfície apresenta uma leve aguada de tom bege (Munsell 7.5 YR 7/3).

40 – C.B.82 – N. ° 97c – Fragmento de bojo com asa de ânfora. A asa de secção circular arranca de carena bem evidenciada. Pasta compacta. A cor é um cinzento-avermelhado (Munsell 10 R 5/1). Apresenta abundantes elementos não plásticos de pequena dimensão, constituídos por quartzos, micas douradas e vacúolos alongados. A superfície apresenta uma leve aguada de tom bege (Munsell 5 YR 7/4).

41 – C.B.82 – N. ° 92c – Fragmento de bojo com asa de ânfora. A asa de secção circular arranca da carena. Pasta compacta. A cor é um cinzento-avermelhado (Munsell 10 R 6/1). Apresenta escassos elementos não plásticos de pequena dimensão, constituídos por quartzos, micas douradas, elementos de cerâmica moída e vacúolos alongados. A superfície apresenta uma leve aguada de tom bege (Munsell 5 YR 7/4).

42 – C.B.82 – N. ° 98c – Fragmento de bojo com arranque de asa de ânfora. Pasta compacta. A cor é um cinzento-avermelhado (Munsell 2.5 YR 7/1). Apresenta abundantes elementos não plásticos de pequena dimensão, constituídos por quartzos, grãos carbonatados e báculos alongados. A superfície apresenta uma leve aguada de tom bege (Munsell 7.5 YR 7/4).

43 – C.B.82 – N. 77c – Fragmento de bojo com carena de ânfora. Pasta compacta. A cor é um cinzento-avermelhado (Munsell 2.5 YR 5/2). Apresenta escassos elementos não plásticos de pequena dimensão, constituídos por quartzos, micas douradas e vacúolos alongados. A superfície apresenta uma leve aguada de tom bege (Munsell 7.5 YR 7/3).

44 – C.B.82 – N. ° 4689. – Diversos fragmentos com colagem de ânfora pré-romana do Tipo 2 do Estuário do Tejo. Bordo em fita de secção arredondada, circunscrevendo um diâmetro externo de 12,5 cm. O colo é cónico, encontrando-se separado do corpo por uma carena bem marcada de onde partem o arranque das duas asas. Estas são de rolo apresentando secção circular. Pasta muito dura e bem depurada de tom castanho-avermelhado (Munsell 10 R 5/8). Apresenta alguns elementos não plásticos de pequena dimensão, constituídos por quartzos, elementos de cerâmica moída, grãos carbonatados algumas moscovites, raras calcites, assim como

pequenos fragmentos de fauna malacológica. A superfície apresenta uma aguada de tom bege (Munsell 10 YR 7/3).

45 – C.B.82 – N. ° 91c. – Proveniente do nível 8 da Cetária 2. Fragmento de bordo, com início de bojo de ânfora do Tipo 1 do Estuário do Tejo. Lábio espessado de secção amendoada encontrando-se destacado do corpo por uma canelura. Diâmetro externo de 17,5 cm. Pasta compacta e depurada. A cor é castanha-avermelhada (Munsell 5 YR 6/8). Apresenta escassos elementos não plásticos de pequena dimensão, constituídos por quartzos, elementos de cerâmica moída, grãos carbonatados, algumas moscovites e raras calcites. A superfície apresenta uma aguada de tom bege (Munsell 5 YR 8/4).

46 – C.B.82 – N. ° 1581 – Fragmento de bordo, com início de bojo de ânfora do Tipo 6 do Estuário do Tejo. Lábio espessado de secção amendoada encontrando-se destacado do corpo por uma canelura. Diâmetro externo de 14 cm. Pasta compacta e depurada. A cor é castanha-avermelhada (Munsell 2.5 YR 5/8). Apresenta escassos elementos não plásticos de pequena dimensão, constituídos por quartzos e elementos de cerâmica moída. A superfície apresenta uma leve aguada de tom bege (Munsell 2.5 YR 7/4).

47 – C.B.82 – N. ° 90c – Fragmento de bordo, com início de bojo de ânfora do Tipo 3 do Estuário do Tejo. Lábio espessado de secção quadrangular, encontrando-se destacado do corpo por uma canelura. Diâmetro externo de 15 cm. Pasta compacta e depurada. A cor é um cinzento-avermelhado (Munsell 2.5 YR 6/1). Apresenta escassos elementos não plásticos de pequena dimensão, constituídos por quartzos, micas douradas e vacúolos alongados. A superfície apresenta uma leve aguada de tom bege (Munsell 2.5 YR 7/4).

48 – C.B.82 – N. ° 90c – Fragmento de bordo, com início de bojo de ânfora do Tipo 6 do Estuário do Tejo. Lábio espessado externamente de secção amendoada, encontrando-se destacado do corpo por uma canelura. Diâmetro externo de 20 cm. Pasta compacta e depurada. A cor é castanha-avermelhada (Munsell 2.5 YR 5/4). Apresenta escassos elementos não plásticos de pequena dimensão, constituídos por quartzos, micas douradas e vacúolos alongados. A superfície apresenta-se alisada, do tom da pasta.

49 – C.B.82 – N. ° 96c – Fragmento de bojo

com asa de ânfora. A asa de secção circular é destacada. Pasta compacta de textura granulosa. A cor é castanha-avermelhada (Munsell 10 R 6/1). Apresenta escassos elementos não plásticos de pequena dimensão, constituídos por quartzos, micas douradas, elementos de cerâmica moída e vacúolos alongados. A superfície apresenta uma leve aguada de tom bege (Munsell 5 YR 7/4).

50 – C.B.82 – N. ° 1696 – Fragmento de bojo com asa de ânfora. Pasta homogénea de textura arenosa. A cor é castanha-avermelhada (Munsell 10 R 6/1). Apresenta escassos elementos não plásticos de pequena dimensão, constituídos por quartzos, grãos carbonatados e vacúolos alongados. A superfície apresenta-se alisada do tom da pasta.

51 – C.B.82 – N. ° 3802 – Fragmento de bojo com asa de ânfora pré-romana. A asa de secção circular é destacada. Pasta compacta de textura arenosa. A cor é castanha-avermelhada (Munsell 10 R 6/4). Apresenta abundantes elementos não plásticos de pequena e média dimensão, constituídos por quartzos, micas douradas, elementos de cerâmica moída e vacúolos alongados. A superfície apresenta uma leve aguada de tom bege (Munsell 5 YR 7/4).

52 – C.B.82 – N. ° 95c – Fragmento de bojo com arranque de asa de ânfora. Pasta compacta de textura granulosa. A cor é castanha-avermelhada (Munsell 10 R 6/1). Apresenta abundantes elementos não plásticos de pequena e média dimensão, constituídos por quartzos, grãos carbonatados e vacúolos alongados. A superfície apresenta-se alisada, do tom da pasta.

53 – C.B.82 – N. ° 120c – Fragmento de bojo com arranque de asa de ânfora. Pasta compacta de textura granulosa. A cor é castanha-avermelhada (Munsell 10 R 6/6). Apresenta abundantes elementos não plásticos de pequena e média dimensão, constituídos por quartzos, grãos carbonatados e vacúolos alongados. A superfície apresenta uma aguada de tom cinzento-avermelhado (Munsell 10 R 6/2).

4. Considerações finais

Apesar da ausência de quaisquer dados estratigráficos que permitam uma análise contextual dos materiais anteriormente apresentados, o

seu estudo tipológico permite aduzir nova informação sobre o espaço ora ocupado pelo edifício da Casa dos Bicos e, conseqüentemente, vislumbrar e problematizar as primeiras fases de ocupação na colina do Castelo de Lisboa.

Uma parte significativa dos materiais analisados exibem características que remetem para uma certa antiguidade, sobretudo se atendermos aos perfis mais bem conservados dos *pithoi* pintados com bandas policromas vermelhas e negras, de alguns pratos e taças de engobe vermelho, dos contentores anfóricos, sobretudo as importações malagueñas do tipo 10.1.1.1 de Ramon Torres, não esquecendo, naturalmente, a presença de cerâmica de fabrico manual que, como foi anteriormente referido, é rara em cronologias do século VII e VI a.C. na cidade de Lisboa. Com efeito, este conjunto de materiais encontra os seus melhores paralelos nos contextos mais arcaicos da colina do Castelo de São Jorge, concretamente na Rua de São Mamede ao Caldas (Pimenta, Silva & Calado, 2014). No entanto, a ausência de contextos estratigráficos primários obriga-nos a ter alguma cautela na atribuição de uma cronologia específica para os materiais arcaicos da Casa dos Bicos, uma vez que a pervivência destas morfologias em contextos mais avançados é uma realidade bem documentada não só no Estuário do Tejo mas também em outras áreas afetadas pelas influências fenícias durante a 1.ª metade do I milénio a.C.

Ainda que não disponhamos de dados coerentes em termos do registo estratigráfico, é plausível supor que tenham existido níveis primários preservados sob os níveis de ocupação da fase alto-imperial. Só assim se compreende o estado de conservação de algumas das peças, denotando mesmo colagens que permitem a sua reconstituição. Sublinhe-se que a mesma situação se regista também entre os materiais do período romano republicano, em fase de estudo, entre os quais se identificou uma ânfora de tipo Dressel 1, de perfil praticamente completo.

Assim, parece-nos plausível admitir que a extensão do núcleo da Idade do Ferro de Lisboa incorporasse, ainda durante a sua fase arcaica, as zonas mais baixas da cidade junto ao Rio Tejo. Relativamente a este ponto, parece-nos pertinente sublinhar que durante a escavação deste espaço foi definido a existência de dois patamares distintos, aos quais o urbanismo romano

Fig. 16 – Planta topográfica da cidade de Lisboa, com a localização das intervenções em que foram detetados níveis pré-romanos e com a reconstituição hipotética da linha de costa e do esteiro do vale da Baixa (A partir de Pimenta, 2005, modificado). A Casa dos Bicos corresponde ao n.º 14.



se adaptou. Um inferior ao qual se sobrepôs e adaptou a muralha do Baixo-Império encostando à bancada de calcário aí existente. E em segundo a uma cota mais elevada onde se vem implantar a fábrica de preparados piscícolas em meados do século I d.C. Seria precisamente neste terraço superior que poderia ter existido uma ocupação da Idade do Ferro, denotando, face à expressividade do número de contentores anfóricos, características que podem ser relacionadas com um ambiente portuário.

Não podemos deixar de incluir neste trabalho algumas reflexões sobre o papel que o núcleo de Lisboa terá desempenhado no quadro da Idade do Ferro centro-atlântica no atual território português.

Apesar da recente identificação de um núcleo habitacional do Bronze Final nas áreas mais

baixas do centro histórico, concretamente na Praça da Figueira, os dados associados a tal ocupação parecem indicar que se trata de um pequeno povoado dedicado à exploração agropecuária (Silva, 2013), que corresponde a um tipo de povoamento típico do Estuário do Tejo durante a fase final da Idade do Bronze (Cardoso, 2004).

A chegada de populações orientais a esta área parece, de acordo com as informações disponíveis, ter acarretado modificações drásticas em termos não só da cultura material, mas também ao nível da topografia (Sousa, no prelo). Com efeito, parece claro que a ocupação da Idade do Ferro se desenvolve, sobretudo, na colina do Castelo de São Jorge, cujas características geográficas lhe conferem um domínio praticamente absoluto sobre a foz do Estuário

do Tejo. No entanto, os trabalhos desenvolvidos desde 1996 no morro do Castelo pela equipa do então IPPAR, dirigidos por Alexandra Gaspar e Ana Gomes, não identificaram contextos datáveis do Bronze Final (Gomes & *alii*, 2003).

Os vestígios mais antigos correspondem à Idade do Ferro e a presença de materiais de cariz orientalizante — *pithoi* de bandas policromas, ânforas, cerâmica cinzenta fina, engobes vermelhos e escassa cerâmica manual — e de estruturas bem conservadas é uma constante. (Gomes & *alii*, 2003, p. 214).

Tais elementos parecem indicar que a alteração da estratégica de implantação do núcleo de Lisboa terá sido uma consequência diretamente relacionada com a chegada das populações fenícias (Sousa, no prelo).

Não é, contudo, ainda claro o significado que se possa atribuir a essas alterações. Por um lado, é plausível propor que, após os primeiros contactos com as populações fenícias, as comunidades do Bronze Final de Lisboa reestruturaram autonomamente a sua estratégica de povoamento, deslocando o núcleo para a colina do Castelo, cujo domínio visual sobre a foz do Tejo permitia um controlo direto sobre as rotas comerciais fluvio-marítimas, que ganham uma importância estratégica durante esta fase (Sousa, no prelo). Se considerarmos, contudo, as transformações que se verificaram ao nível da cultura material, concretamente a rápida apreensão da tecnologia do torno, a drástica diminuição das produções manuais a partir do século VII a.C. (Sousa, no prelo), e ainda a existência de produções anfóricas locais (Sousa & Pimenta, 2014), é evidente uma forte dinâmica na esfera comercial e económica que se relaciona com as áreas mais diretamente influenciadas pela colonização fenícia na Península Ibérica (Sousa, no prelo). As próprias características geográficas do núcleo da Idade do Ferro de Lisboa, numa colina destacada na paisagem, na margem de um importante curso fluvial que permite o acesso a áreas mais interio-

res, enquadram-se com facilidade na paisagem colonial fenícia (Sousa, no prelo). Deve ainda acrescentar-se, a recente identificação de um fragmento de ânfora com uma inscrição caracteres fenícios recolhido nas escavações da Praça Nova (Arruda, 2013; Zamora, 2013), que permite, mais uma vez, acentuar o carácter orientalizante da população da antiga *Olisipo*. Assim, e à luz dos dados atualmente disponíveis, pensamos ser possível defender que o núcleo da Idade do Ferro de Lisboa possa ter sido diretamente fundado por populações fenícias ocidentais nos finais do século VIII ou em inícios do século VII a.C., tendo provavelmente incorporado, desde os momentos iniciais, um segmento muito significativo das populações autóctones, que se manifesta claramente com a presença das produções manuais de tradição do Bronze Final nos níveis mais arcaicos da cidade (Sousa, no prelo).

Os vestígios artefactuais recolhidos na Casa dos Bicos evidenciam também uma presença mais tardia, possivelmente já centrada em meados do I milénio a.C., representada, sobretudo, pelos fundos de páteras de cerâmica de engobe vermelho e por alguns contentores anfóricos, entre os quais se destaca a parte superior da ânfora do tipo 2 do Estuário do Tejo. As evidências de materiais destas cronologias não são de estranhar, uma vez que é justamente nessa fase que o núcleo de Lisboa parece assumir uma maior extensão, factor que parece estar diretamente relacionado com uma fase de profundas modificações ao nível da malha de povoamento, das estratégias económico-comerciais e da cultura material que se verifica no Estuário do Tejo a partir de finais do século VI a.C. e, sobretudo, ao longo da centúria seguinte (Sousa, 2014). Causa, contudo, alguma estranheza a ausência absoluta de exemplares de cerâmica cinzenta, que é uma constante ao nível do registo artefactual do Estuário do Tejo ao longo de todo o I milénio a.C. Não é impossível que tais materiais tenham efetivamente existido, tendo, contudo, sido deslocados desde a fase da escavação, não tendo sido possível identificar o seu paradeiro.

Bibliografia citada

- AMARO, Clementino (1982a) - Casa dos Bicos: notícia histórico-arqueológica. *Arqueologia*. Porto. 6, pp. 96–111.
 AMARO, Clementino (1982b) - Casa dos Bicos: seu historial. *Al-Madan*. Almada. 0, pp. 15–16.

- AMARO, Clementino (1983) - Casa dos Bicos: exposição de arqueologia na poética renascentista. *Al-Madan*. Almada. 1, pp. 3–5.
- AMARO, Clementino (2002) - Percurso arqueológico através da Casa dos Bicos. In *De Olisipo a Lisboa: a Casa dos Bicos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, pp. 11–27.
- ARRUDA, Ana Margarida (1999–2000) - *Los Fenicios en Portugal. Feniciosy mundo indígena en el centro y sur de Portugal (séc. VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra.
- ARRUDA, Ana Margarida (2013) - Do que falamos quando falamos de Tartesso. In CAMPOS CARRASCO, Juan Manuel; ALVAR EZQUERRA, Jaime, eds. - *Tarteso: el emporio del metal*. España: Almuzara, pp. 211–222.
- ARRUDA, Ana Margarida; SOUSA, Elisa (no prelo) - *Late Bronze Age in Alcáçova de Santarém (Portugal)*.
- BARROS, Luís (1998) - *Introdução à Pré e Proto-História de Almada*. Almada: Câmara Municipal.
- BARROS, Luís; CARDOSO, João Luís; SABROSA, Armando (1993) - Fenícios na margem sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado do Almaraz - Almada. In *Estudos Orientais IV - Os Fenícios no território Português*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, pp. 143–182.
- BARROS, Luís; SOARES, António Monge (2004) - Cronologia absoluta para a ocupação orientalizante da Quinta do Almaraz. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. 22, pp. 333–352.
- BOAVENTURA, Rui; PIMENTA, João; VALLES, Edgar (2013) - O povoado da Idade do Bronze Final do Castelo da Amoreira (Odivelas). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, pp. 389–406.
- CALADO, Marco; PIMENTA, João; FERNANDES, Lídia; FILIPE, Victor (2013) - Conjuntos cerâmicos da Idade do Ferro do Teatro Romano de Lisboa: as cerâmicas de engobe vermelho. In *Arqueologia em Portugal 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 775–784.
- CARDOSO, João Luís (1997–1998) - O povoado do Bronze Final do Castelo dos Mouros (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, pp. 169–187.
- CARDOSO, João Luís (2003) - A gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 11, pp. 229–321.
- CARDOSO, João Luís (2004) - *A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de história regional*. Oeiras: Câmara Municipal.
- CARDOSO, João Luís (2006) - A estação do Bronze Final do Cabeço do Mouro (Cascais): resultados das escavações realizadas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:1, pp. 21–46.
- CARDOSO, João Luís (2010–2011) - O casal agrícola do Bronze Final de Abrunheiro (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, pp. 33–74.
- CARDOSO, João Luís; SILVA, Inês (2004) - O povoado do Bronze final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, pp. 227–271.
- DUARTE, Ana Luísa; AMARO, Clementino (1986) - Casa dos Bicos: a cidade e a arqueologia. In *Actas do 1.º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana, Setúbal, 1985*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, pp. 143–154.
- FREITAS, Vera (2005) - Observações preliminares sobre as cerâmicas de engobe vermelho do Castelo de Castro Marim. In *Actas del III Simposio Internacional de Arqueologia de Mérida: Protohistoria del Mediterraneo Occidental. El Período Orientalizante*. Vol. II. Mérida: CSIC, pp. 911–918.
- GOMES, Ana; GASPAR, Alexandra; PIMENTA, João; GUERRA, Sandra; MENDES, Henrique; RIBEIRO, Susana; VALONGO, António; PINTO, Paula. (2003) - Castelo de São Jorge: balanço e perspectivas dos trabalhos arqueológicos. *Património Estudos*. Lisboa. 4, pp. 214–223.
- HOLANDA, Francisco de (1984) - *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- KALB, Philine; HOCK, Martin (1985) - *Cerâmica de Alpiarça. Exposição temporária na Galeria dos Patudos*. Catálogo. Alpiarça: Câmara Municipal, Casa Museu dos Patudos; Lisboa: Instituto Arqueológico Alemão.
- MARQUES, Gustavo (1972) - *Arqueologia de Alpiarça: as estações representadas no Museu do Instituto de Antropologia do Porto*. Porto: Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa.
- MADEIRA, João; GONÇALVES, João Ludgero; RAPOSO, Luís; PARREIRA, Rui (1972) - Achados da Idade do Bronze no Monte da Pena (Barro/Torres Vedras): notícia prévia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 3.ª série. 6, pp. 207–212.
- PIMENTA, João (2005) - *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

- PIMENTA, João; MENDES, Henrique (2010–2011) - Novos dados sobre a presença fenícia no vale do Tejo. As recentes descobertas na área de Vila Franca de Xira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, pp. 591–618.
- PIMENTA, João; SILVA, Rodrigo Banha; CALADO, Marco (2013) - Sobre a ocupação pré-romana de *Olisipo*: a intervenção arqueológica urbana da Rua de São Mamede ao Caldas n.º 15. In ARRUDA, Ana Margarida, ed. - *Fenícios e Púnicos, por Terra e Mar*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Volume 2, pp. 712–723.
- PINTO, Clara Vaz; PARREIRA, Rui (1978) - Contribuição para o estudo do Bronze Final e do Ferro Inicial a norte do estuário do Tejo. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas (1977)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. Vol. 1, pp. 145–163.
- RAMON TORRES, Juan (1995) - *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo Central y Occidental*. Barcelona. Universitat.
- RUFETE TOMICO, Pilar (1988–1989) - Las cerámicas con engobe rojo de Huelva. *Huelva Arqueológica*. Huelva. 10–11:3, pp. 10–40.
- SEPÚLVEDA, Eurico; AMARO, Clementino (2007) - Casa dos Bicos 25 anos depois. Marcas de Oleiro em *terra sigillata*. *Al-Madan*. Almada. 2.ª Série. 15 (Adenda Electrónica) - VIII, pp. 1–9.
- SENNA-MARTINEZ, João Carlos (1993) - O Grupo Baiões/Santa Luzia: contribuições para uma tipologia da olaria. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 1, pp. 93–123.
- SERRÃO, Eduardo da Cunha (1958) - Cerâmica proto-histórica da Lapa do Fumo (Sesimbra), com ornatos coloridos e brunidos. *Zephyrus*. Salamanca. 9:2, pp. 177–186.
- SILVA, Rodrigo Banha da (2013) - A ocupação da Idade do Bronze Final da Praça da Figueira (Lisboa): novos e velhos dados sobre os antecedentes da cidade de Lisboa. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira. 2, pp. 40–102.
- SOUSA, Elisa (2014) - *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
- SOUSA, Elisa (no prelo) - *The Iron Age occupation of Lisbon*.
- SOUSA, Elisa; PIMENTA, João (2014) - *A produção de ânforas no estuário do Tejo durante a Idade do Ferro*. In Morais, Rui; Fernández, Adolfo & Sousa, Maria José (eds.), *As Produções Cerâmicas de Imitação na Hispânia. Monografías Ex Officina Hispana II*. Porto. Vol. 1, pp. 303–316.
- TORRES ORTIZ, Mariano (2002) - *Tartessos*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- VICENTE, Eduardo Prescott; ANDRADE, Gil Miguéis de (1971) - A estação arqueológica de Cabeço de Moínhos: breve notícia. In *II Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra. 2, pp. 223–238.
- VILAÇA, Raquel (1995) - *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- ZAMORA LÓPEZ, José Ángel (2013) - Novedades de epigrafía fenicio-púnica en la Península Ibérica y sus adedafios. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 13, pp. 359–384.